**Mário Ferreira e os Números**

Por Marcos Monteiro

Duas considerações devem ser feitas, antes de mais nada.

Em primeiro lugar, este texto, como grande parte da minha formação, se deve em grande parte ao que aprendi com Pedro Sette Câmara (meu professor de simbologia) e Luiz Gonzaga de Carvalho Neto (co-organizador do curso com Pedro), além das influências de Olavo de Carvalho e, obviamente, de Mário Ferreira dos Santos. Nada – ou quase nada – do que escrevi aqui é meu.

Em segundo lugar, este texto não é uma exposição detalhada sobre o tema do número na obra de Mário Ferreira dos Santos. Falta-me tempo, espaço e, principalmente, capacidade para uma empreitada deste porte. Eu pretendo apenas dar uma introdução bem primária ao conceito de número e, talvez, fazer com que o leitor tenha vontade de se voltar para os originais.

**O Conceito de Número**

O número é tratado por Mário principalmente – mas não exclusivamente – nos livros *Pitágoras e o Tema do Número* e *A Sabedoria das Leis Eternas*. No primeiro livro [1](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota1), Mário expõe a doutrina pitagórica profunda (ou seja, a doutrina como era, ou como deveria ter sido ensinada esotericamente aos iniciados pitagóricos), se baseando nos métodos desenvolvidos e adotados por ele em toda a sua obra e nos fragmentos dos pitagóricos que chegaram até nós. Ele defende que Platão foi um pitagórico, assim como Sócrates, e que as críticas de Aristóteles miravam pitagóricos menores. Acima de tudo, ele se posiciona como um pitagórico [2](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota2). Nesta obra, Mário apresenta resumidamente as dez leis eternas, que será tema central do livro “A Sabedoria das Leis Eternas”, onde ele trata do assunto com profundidade. [3](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota3)

Para entender as leis, é preciso ter em mente de que tipo de número o autor está falando. Os números, como vulgarmente entendidos, são abstrações da quantidade. O que é isso? O que fazemos quando contamos alguma coisa?

Em primeiro lugar, reconhecemos as unidades. Contamos entes, objetos, que, segundo um certo ponto de vista, são similares; ou seja, são unidades do mesmo tipo. Se tenho uma maçã, mais uma maçã, e então mais uma, tenho três maçãs. Mas se eu tenho essas três maçãs e um limão, ou eu tenho dois conjuntos (duas “contas” separadas), ou eu tenho quatro frutas (quatro unidades que expressam a mesma “forma”).

Ou seja, em primeiro lugar, reconhecemos implicitamente a noção de “forma” e que essa forma tem limites. A maçã acaba em algum ponto, que é não-maçã, e em outro lugar começa outra maçã. Se a maçã fosse infinita, não poderíamos contar nada, teríamos apenas uma maçã.

Portanto, sabemos que: existem objetos que partilham de alguma coisa (uma estrutura, uma organização interna, uma forma) que nos permite agrupá-los; estes objetos são ao mesmo tempo semelhantes (se não fossem, não poderíamos agrupá-los) e distintos (se não, seriam um só); estes objetos possuem limites (se não, seriam um continuação do outro, e teríamos apenas um objeto).

Além disso, nós reconhecemos a quantidade, e que quantidades variam. Se duas maçãs fossem a mesma coisa que quarenta, não haveria porquê contá-las. Dois é sempre menos que três, que é menos que quatro, e assim por diante.

Os números comuns são abstrações da quantidade. Cinco maçãs, cinco carros, cinco livros: são conjuntos de objetos diferentes, mas têm algo em comum: possuem a mesma quantidade.

Este tipo de número é o o utilizado comumente. Mas abstrações não poderiam ser “Leis Eternas”; e as afirmações pitagóricas de que “as coisas são os números” e que “as coisas são formadas à imitação dos números” parecem estranhas quando se pensa nos números como um nome de uma certa quantidade. Isso se esclarece, no entanto, quando vemos que os números não são só isso.

Para chegar a uma concepção mais elevada do número, peço a ajuda de duas pessoas: Platão e Bertrand Russell. Segundo Aristóteles, Platão disse que os números não podem ser somados. Russell toma essa assertiva como coincidente com a sua (e de Alfred North Whitehead) de que os números são classes [4](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota4). O número três é a classe de todos os trios. Quando somamos duas maçãs com mais duas maçãs, não somamos dois e dois. Nós juntamos dois conjuntos, e eles deixaram de ser dois pares e passaram a ser um quarteto. Platão considerava os números como formas. [5](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota5)

Eu disse acima que percebemos as formas dos objetos para então agrupá-los. Pois bem, esta forma, esta estrutura das coisas, é diferente da matéria da qual são feitos. Uma xícara não é uma xícara porque é feita de vidro, de barro ou de metal. Ela é uma xícara devido à sua forma, à sua organização intrínseca, à relação entre as suas partes. De um certo modo (mesmo não entrando em discussões sobre a origem das formas), a forma da xícara é diferente da xícara. Ou seja, neste sentido, a forma é anterior ao objeto (porque xícaras não se fazem ao acaso, há que se ter uma idéia dela antes), e posterior a ele (o leitor pode fazer esse experimento: é só pegar uma xícara; quebrá-la em pedaços bem pequenos, que devem ser jogados no lixo; em seguida, deve-se pensar nela, ou ir comprar outra igual na loja mais próxima da casa). Da mesma forma, o número dois é diferente de duas maçãs, de dois amigos, de duas moedas. Ele é o que analoga todos os conjuntos de duas coisas. [6](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota6)

Podemos dizer, assim, que os números são formas. Mas será que há, além de uma diferença “quantitativa” entre eles – ou seja, os pares são sempre menores do que os trios –, uma diferença “qualitativa”?

É fácil ver que sim. Existem conjuntos que podem variar sua quantidade sem problemas. Se estou no mercado, comprando (para variar o exemplo) caixas de leite, posso resolver comprar quatro em vez de cinco. Mas um par nunca pode conter três pessoas, ou não será um par. Isso parece apenas um jogo de palavras, porque dois amigos podem ser três; mas um casal só pode ser um casal de dois, da mesma forma que um triângulo só pode ter três lados. A relação entre os quatro elementos da cosmogonia antiga (água, ar, fogo e terra), por exemplo, se deve ao fato de eles serem uma combinação de dois pares de qualidades (calor-frio e secura-umidade), e portanto, não poderiam ser três, cinco ou oito.

Ou seja, existem conjuntos que parecem ter relações intrinsecamente ligadas ao número de elementos, e a adição ou a subtração de um elemento muda essas relações. Os conjuntos que são necessariamente de dois sempre têm relações de oposição, de complementariedade, de casal. O Sol e a Lua são um exemplo poético, assim como o homem e a mulher. Essa relação não existe nos trios; não há pólos, não há como haver oposição.

Assim, há o número matemático, o que se depreende das regularidades das coisas sensíveis (na verdade, segundo Mário, ele se depreende das formas geométricas que, por sua vez, se depreendem das coisas sensíveis, como veremos abaixo), e um outro tipo de número.

De forma resumida, Mario pensava na estrutura do real como duas tríades. No nível mais baixo, estão as coisas sensíveis. Em seguida, as formas geométricas. Acima destas, os números matemáticos, fechando a tríade inferior. O próximo nível é o das formas inteligíveis; o seguinte, o dos números enquanto leis, as estruturas do ser real, parafraseando Olavo de Carvalho; o nível mais alto é o dos princípios supremos. Ou seja, os números matemáticos estão entre as formas geométricas (ou as primeiras abstrações das coisas) e as formas inteligíveis; e as Leis eternas entre estas e os princípios supremos.

Para tentar tornar isso mais claro, vou apresentar as leis, junto com alguns exemplos didáticos.

**OS NÚMEROS E AS LEIS ETERNAS**

**1) A Lei do Um, ou a Lei da Unidade.**

É a lei do ser. Para algo ser, tem que ser um. Só contamos coisas após identificar as unidades.  Nas palavras do autor, essa lei é:

“tudo quanto é finito é unitariamente o que é e tende a tornar-se parte integrante de uma unidade”.

Ela pode ser percebida facilmente nas coisas reais. Entre os sete astros da astrologia tradicional, por exemplo, a lei do um é evidenciada pelo Sol. Ele é o símbolo da unidade. Quando ele aparece no céu, todos os outros corpos somem; é ele que define o início e o fim do dia. É um símbolo de Deus, do Logos, do Intelecto, do Homem [7](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota7).

Da mesma forma, somos um porque o Ser é um. Dito de outro modo, somos uma unidade porque *ser* é *ser um*. Os primeiros elementos de uma série também nos mostram isso. O primeiro capítulo de uma novela mostra o ambiente, os personagens principais, as tensões da trama; ou seja, evidenciam o que a novela é (e o que ela não é).

**2) A lei do Dois, ou a Lei da Oposição.**

“Todas as coisas(…) finitas são compostas de duas ordens de ser, no mínimo”.

Como Mário mesmo diz, “encontramos sempre uma alternância, (…) uma oposição”. Todos os seres finitos são matéria e forma. Todos os seres apresentam uma polarização. Todos os seres têm aspectos yin e yang, são uma oposição entre o determinante e o determinado.

A Lua é um exemplo da lei do dois. Enquanto é perfeitamente possível falar no Sol sem pensar em outros planetas, falar na Lua é falar no Sol. Ela pressupõe um casal; sua forma visível depende da sua posição com relação ao Sol. Ela é o símbolo da mulher, da mãe, do pólo feminino, da alma.

**3) A Lei do Três, ou a Lei da Relação.**

Os opostos são imprescindíveis nos seres finitos. Se a oposição fosse absoluta, no entanto, não haveria unidade possível. É da relação entre os opostos que surge o ser. O ser é tanto forma quanto matéria. Ou seja, os entes finitos não são só matéria, nem só forma, nem uma oposição insolúvel e incomunicável entre os dois. Eles são a síntese entre ambos. Os animais com reprodução sexuada são sempre o fruto do acasalamento de um macho e uma fêmea; não são, porém, apenas um espermatozóide e um óvulo, são um ser novo, mas que deriva dos outros. [8](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota8)

O planeta que aponta para essa lei é Mercúrio. Ele simboliza a troca, o comércio, as relações humanas. No céu, ele sempre está perto do Sol e de Vênus; sua aparência é faiscante, fugaz. Para os antigos astrólogos, ele era o planeta sem sexo (os planetas eram divididos em masculinos e femininos) e sem “benevolência” (os planetas eram divididos em maléficos e benéficos) próprios; estas suas qualidades dependiam da sua posição e da sua relação com os outros planetas.

**4) A Lei do Quatro, ou da Reciprocidade**

As coisas são compostas de forma e matéria, yin e yang, ato determinante e potência determinável. Bom, mas as coisas reais não são completamente forma nem completamente matéria. A matéria “informa” a forma em certa medida, porque a forma não se ajusta a qualquer matéria (para não mudar muito os exemplos, se podem fazer xícaras com barro, vidro ou metal, mas não com ar ou água); e a matéria em si, também tem “forma” (o barro tem qualidades diferentes da areia, essa da madeira, etc; a matéria por si mesma não possui qualidades, é indeterminada).

O símbolo do “T’ai C’hi” aponta bem isso, com a bola negra dentro do sigmóide branco e a bola branca dentro do sigmóide negro. Não se trata de uma simples “interatuação”; os sigmóides parecem bailar um em torno do outro, reciprocam-se, como diz Mário.

A  lei do quatro é a lei da interatuação dos opostos. Os opostos não são totalmente ativos nem passivos. Segundo o próprio autor:

“A capacidade de determinar de um está conseqüentemente proporcionada à capacidade de ser determinado do outro. Uma parte deste sofre a ação, e naturalmente uma parte, de certo modo, resiste”.

Essas quatro primeiras leis regem todas as coisas do mundo. Nas antigas tradições, o quatro simbolizava a ordem material. Na astrologia, é a “matéria” dos signos, “informada” pelo ternário.

Podemos associar Vênus à lei do quatro? Bem, Vênus está associada ao prazer, ao amor (carnal ou não), é o símbolo da feminilidade, da beleza, da gula, do luxo. O que estes atributos têm em comum? A mudança mútua. No amor carnal, homem e mulher “se tornam uma só carne”, o masculino e o feminino se unem e se reciprocam. No ato de comer um alimento, nós o transformamos em nós, mas também nos mudamos, tornamo-nos um pouco o alimento.

**5) A Lei do Cinco, ou a Lei da Forma.**

Todos os seres são uns, são compostos por oposições, seus elementos se relacionam entre si e eles se relacionam com o resto do universo, seus opostos se reciprocam, interatuando e modificando-se mutuamente. Além disso, todo ser tem um esquema de proporções intrínsecas, uma organização, uma estrutura, como falamos anteriormente. Ou seja, todo ser tem uma forma.

A forma é como as reciprocidades dos opostos que constituem os seres então dispostos, é como  (para usar um exemplo do autor) o *pólemos*, a luta constante entre os opostos, que, para Heráclito, se constitui, em vez de um amontoado, um ser organizado.

O Planeta Marte pode ser associado a essa lei. Pensemos em exercícios militares, ou estratégias de guerra, ou em uma demonstração de artes marciais, por exemplo. São atuações de opostos dinâmicos, mas que possuem, mesmo na agitação, uma ordem intrínseca. A arte liberal associada a Marte é a música. A música fornece um modelo bem claro de harmonização de opostos. Além disso, a música é quase toda forma. A relação entre os diferentes sons e a duração deles no tempo é muito mais importante do que o material de que são feitos os instrumentos.

**6) A Lei do seis, ou Lei da Harmonia.**

Todo ser finito, além de ser uma unidade, é uma totalidade. Ou seja, ele é a composição harmônica dos elementos que o constituem, como vimos acima. O ente é assim porque existe nele uma função principal, que pertence ao todo. As funções dos opostos lhe são subordinadas. Ou seja, não há uma “democracia” entre as forças opostas dentro do ser; há uma normal, originada da totalidade, que subordina as forças opostas. Isto é o que os pitagóricos chamavam de harmonia. Os entes unitários são todos harmônicos e fazem parte de conjuntos maiores harmônicos.

Nas palavras de Mário Ferreira, “a lei da harmonia impera assim em todas as coisas, e, quando uma coisa rompe esta lei, tal rompimento é apenas aparente, porque propriamente, ao romper-se a harmonia de um conjunto, a unidade passa a integrar-se na harmonia de outro conjunto”.

O planeta Júpiter pode nos fazer lembrar dessa lei. Ele é o símbolo, entre outras coisas, da Providência Divina. É ele que nos lembra da ordem das coisas, da organização do cosmos (mesmo que às vezes difícil de perceber). Além de ser o significador natural da religião, ele rege durante o dia o signo de Sagitário, cujo símbolo é um centauro prestes a lançar uma flecha. O centauro, metade homem, metade cavalo, exibe uma clara hierarquia interna; sua parte humana e a sua parte eqüina concorrem para o bem do ser. A flecha é o símbolo da retidão, da ordem. Um clichê comum da astrologia moderna é de que os sagitarianos são “donos da verdade”. Júpiter, além disso, recebe o seu nome do rei do panteão olímpico. Ele não é um “igual”, ele é a norma, o padrão, a regra. É o “maestro” da música mencionada acima.

**7) Lei do Sete, ou Lei da Evolução.**

Como a lei da harmonia impera em todas as coisas, também há a desarmonia, que é apenas a abertura a uma harmonia maior. Os aspectos harmônicos podem se opor, a harmonia pode ser rompida, e o ser será integrado em uma nova harmonia, havendo aí um salto qualitativo, uma mudança real.

“Essa passagem”, diz o autor, “é simbolizada pela lei do 7, que é a lei da evolução cósmica”. A evolução cósmica se dá pelas possibilidades da totalidade que possui o ser de romper a sua harmonia e de constituir um elemento de uma nova forma. [9](http://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/mario-ferreira-e-os-numeros/#Nota9)

Ou seja, essa é a lei do limite da forma, do esgotamento das possibilidades do ser. Saturno é o planeta dos limites. Ele é lento, quase apagado, é o planeta mais distante de nós na astrologia tradicional. Leva seu nome do pai de Júpiter, chamado de Cronos pelos gregos – o deus do tempo, do limite. É o planeta do esgotamento, do estudo.

Por outro lado, a arte liberal associada a Saturno é a astrologia. Ou seja, ele é como um “resumo” das possibilidades dos outros planetas, seu ponto final. E a astrologia é a arte liberal que estuda as harmonias sucessivas dos acontecimentos, mesmo os aparentemente desarmônicos, sua sucessão no tempo e no espaço. Vendo por outro ângulo, o conjunto dos planetas simboliza justamente isso (ou, em outro plano, o conjunto dos signos): as possibilidades do ser. O número sete é o número da perfeição para os ocultistas, é o número de faculdades da alma, é o número de idades do homem segundo Ptolomeu (cada uma das idades seria regida por um planeta).

**8) A Lei do oito, ou Lei da Superação**

Quando a evolução está contida na forma do ser, ela faz parte do seu desenvolvimento normal. Quando, no entanto, a harmonia se rompe, o ser se corrompe, e outra(s) estrutura(s) passam a existir, com novas harmonias e formas. Ocorre a superação, ou evolução superior, ou ainda a assunção.

Aqui há mais um salto.

Da mesma forma que há uma passagem importante das quatro primeiras leis (que são um resumo das dez) para a quinta (passamos de leis internas para leis referentes à organização total do ser), agora passamos do ser para algo fora, ou acima dele.

Não há aqui exemplos planetários, já que os planetas na astrologia tradicional são apenas sete. No entanto, isto em si pode ser um exemplo. As seis primeiras leis são comuns aos seres absolutamente simples, que Mário chama de seres do *contexto* *alfa*, e os seres relativamente simples ou compostos ele chama de seres do *contexto beta.* Os seres absolutamente simples não sofrem evolução. Os planetas também não mudam. Eles parecem repetir eternamente os mesmos movimentos. Ou seja, se pusermos Saturno como o limite, o guardião das seis primeiras leis (em vez de símbolo da sétima), temos a distinção entre as leis que dizem respeito a todos os seres e as leis que só governam os seres que podem mudar.

**9) Lei do nove, ou lei da Integração.**

Essa é a lei da Harmonia final, cósmica. Todos os seres do contexto beta se integram no Todo, na coerência última. Segundo Mário, isto é simbolizado pela “salvação” nas grandes religiões, pelo ser que é retirado do ciclo cósmico de evolução.

**10) Lei do 10, ou lei da unidade transcendente.**

“Todas as coisas integradas no Todo seguem a direção do Bem que lhes é transcendente, em direção à *unidade transcendental*, à Unidade que está acima de todas as coisas, que é a fonte, a origem e de todas as coisas, que é o Ser Supremo (…) a Lei das Leis, o *Logos* dos *logoi*”.

Estas são, resumidamente, as dez Leis Eternas, conforme expõe Mario Ferreira dos Santos. Estas leis se combinam, formando leis diádicas, triádicas, etc. O autor ainda dá, em “A Sabedoria das Leis Eternas”, uma explicação das leis diádicas e triádicas e propõe ao aluno que enuncie as leis quaternárias.

Espero que esse breve resumo tenha despertado a vontade de ler os originais e de estudar esse grande escritor brasileiro.

“Que a Tétrada Sagrada se grave na vossa mente como se fosse marca de fogo”.

**Notas**

1. Edição da IBRASA, ano 2000.

2. Isso é de importância vital para a compreensão do filósofo paulista: ele é um pitagórico, se não no sentido de um continuador físico da tradição pitagórica, ao menos no sentido de que sua filosofia concorda com o que o pitagorismo profundo deveria ser. É nesse mesmo sentido que ele é um platônico, e um tomista, aliás.

3. Eu recomendo fortemente a leitura dessa obra, publicado pela É Realizações com introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho.

4. Obra *Filosofia do Atomismo Lógico*,de Bertrand Russell.

5. Diz Mário em seu Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, no verbete “Número”:

“Platão, que não se pode negar, é um iniciado pitagórico, falava na distinção entre o número em sentido eidético e o número concreto, o número nas coisas. E se não bastasse a afirmativa de Platão para justificar essa tese, as sentenças anteriormente citadas seriam suficientes, pois nelas se vê que todas as coisas estão *arranjadas*, arrumadas, construídas segundo (pelo) número *(epoike*) e, noutra, as coisas da nossa experiência, as coisas sensíveis *(tà prágmata)* são cópias dos números.”

6. Aqui cabe um parêntese. Hoje em dia, dizer que as coisas são formadas de forma e matéria é correr o risco de soar anacrônico ou ridículo. Isso se deve ao fato de que, uma vez que se constatou que as coisas são assim, a pergunta que surge é “por que isso é assim?”. Não posso provar a existência das formas, porque quem diz “prova” diz “lógica ou matemática”, e eu não posso usar silogismos ou números para provar a existência … dos silogismos ou dos números. E não posso evitar, também, ao falar de formas anteriores e posteriores das coisas, de pensar que elas são, para todos os efeitos, eternas, e que só uma causa eterna as poderia ter gerado. No entanto, isso seria falar imediatamente em Deus. Eu não quero ser intolerante com as crenças alheias, e, como não conheço grupo religioso mais orgulhoso de sua própria crença do que os ateus, não vou entrar nessa discussão para não ferir os sentimentos de quem quer que seja. De qualquer modo, as formas existem; não iremos discutir a sua origem aqui. Esteja o leitor avisado, porém, dos riscos que corre ao ler Mario Ferreira dos Santos.

7. Os exemplos planetários são apenas didáticos, e a correlação entre os planetas e as leis não é necessariamente a apresentada aqui; de certa forma, qualquer dos planetas – e aliás, qualquer ser – pode nos evidenciar as Leis Eternas, porque se não fosse assim, elas não seriam leis válidas para todos os seres.

8. Sobre o a presença do ternário na estrutura do real, vale a pena ler “O Jardim das Aflições”, de Olavo de Carvalho, Capítulo VII, O Materialismo Espiritual, §19. A divinização do espaço. – (I) Pobres bantos, principalmente o seu início. Seguem os dois primeiros parágrafos:

“Em todas as grandes tradições espirituais, sem exceção, encontra-se alguma divisão ternária dos estratos da realidade, como por exemplo *Deus, Homo, Natura* no cristianismo, o Céu-Terra-Homem (*Tien-Ti-Jen*) no taoísmo.

A essa divisão do todo correspondem, para as inúmeras partes, aspectos e planos secundários, outras tantas subdivisões, também ternárias, que ecoam e reverberam umas às outras segundo uma infinidade de escalas e pontos de vista. À Trindade Cristã – Pai, Filho e Espírito Santo – corresponde, no microcosmo da constituição humana, o ternário *corpo, alma, espírito*. A alma, por sua vez, é *vegetativa, apetitiva, intelectiva*.”

9. Isto nada tem a ver com a evolução darwiniana, diga-se de passagem. Em primeiro lugar, porque todas as características do ser já estavam nele, não há “novidades evolutivas” surgindo.